

ESTRATÉGIAS MUNDO



Vigor argentino

A ciência da Argentina começa a superar um longo período de estagnação. Numa iniciativa audaciosa, o governo do presidente Néstor Kirchner lançou um programa voltado para aumentar o número de pesquisadores em atividade, melhorar seus salários e reforçar os recursos para projetos regionais. A primeira instituição contemplada é a maior agência argentina de pesquisas, o Conselho de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet), que vai contratar 1.400 pesquisadores com nível de doutorado e pós-doutorado, além de 550 assistentes de pesquisa. Todos os atuais pesquisadores do Conicet terão aumento salarial de 45% (doutores), 37% (pós-douto-

res) e 42% (assistentes). Nos últimos anos, orçamentos magros impediram a agência de renovar seus quadros, que foram envelhecendo. A média de idade dos pesquisadores hoje é de 50 anos. Com as novas contratações, deve baixar para 32 anos. A mudança radical é lastreada por um reforço no orçamento (cerca de US\$ 10 milhões), aprovado pelo Congresso argentino em 2003, e por outros US\$ 2,4 milhões retirados de outras áreas. “Não vai resolver nossos problemas, mas certamente é um passo tremendo para a reconstrução da política científica nacional”, disse a secretária de Pesquisa da Universidade de Quilmes, Anahí Ballot (*SciDev.Net*). •

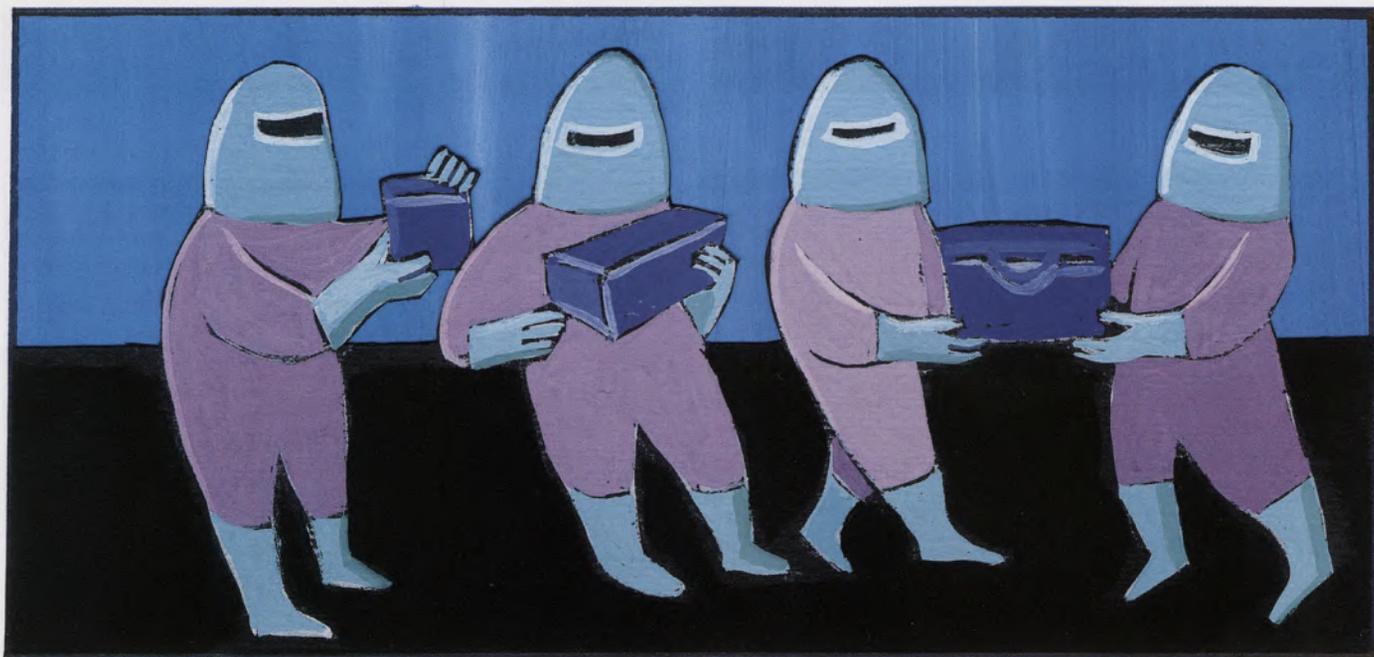
■ Os ecologistas do ano de 2004

O Prêmio Goldman, concedido todos os anos a ativistas da causa ecológica, destacou em sua edição de 2004 o trabalho de Rudolf Amenga-Etego, um advogado de Gana que lidera uma campanha contra a privatização da distribuição de água no país. Com a privatização, a água receberia um tratamento mais adequado e ganharia qualidade, mas seria comer-

cializada a preços de mercado, mais altos que os cobrados hoje. “Cerca de 70% da população de Gana não tem dinheiro para comprar água limpa. Cobrar mais caro seria desastroso”, diz o laureado. O projeto foi suspenso em 2003, em meio a uma onda de protestos, mas o governo ganense está tentando resgatá-lo. A privatização é estimulada pelo Banco Mundial, que tratou de se defender quando soube da premiação. “Não é questão ideológica. O banco

se preocupa em garantir a oferta de água limpa, e com preços acessíveis, para populações pobres”, informou um porta-voz da instituição. Também foram premiados as indianas Rashida Bee e Champa Shukla, sobreviventes da explosão de gás em Bhopal que matou 20 mil pessoas em 1984; Demétrio de Carvalho, presidente da primeira entidade ambiental do recém-liberto Timor Leste; Libia Grueso, artífice de uma terra a comunidades negras da Co-

lômbia; Manana Kochladze, da ONG Green Alternative, da Geórgia, antiga república soviética; e a norte-americana Margie Eugene-Richard, ativista que obrigou a Shell a indenizar vítimas de vazamentos tóxicos na Califórnia. Dois brasileiros já ganharam o Prêmio Goldman: a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, em 1996, e Carlos Alberto Ricardo, fundador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), em 1992. •



■ Alarmes falsos do bioterrorismo

Em setembro de 2001, depois dos ataques às torres do World Trade Center e ao Pentágono, o governo norte-americano colocou em uso kits para identificar ameaças de bioterrorismo, capazes de detectar substâncias perigosas, como o antraz. Os aparelhos agora estão sob investigação. Será gasto US\$ 1,5 milhão para avaliar até que ponto os detectores são eficazes. Os testes serão feitos pelo FBI e pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças de Atlanta. O alerta foi dado em julho de 2002 por John Marburger, chefe do Escritório de Política de Ciência e Tecnologia da Casa Branca. Segundo ele, defeitos técnicos dos detectores levavam a falsos resultados positivos, provocando gastos e a decretação de quarentenas totalmente desnecessárias. O anúncio irritou os técnicos que utilizam os kits. Eles alegam que conhecem os limites do aparelho. Por isso, associam outras técnicas para eliminar os riscos de falsos positivos. •

■ No buraco negro da Internet

Quem imaginava que a reprodução na Internet de um artigo científico garantisse sua perenidade pode ter más surpresas. Jonathan Wren, do Centro Avançado de Tecnologia Genômica da Universidade de Oklahoma, constatou que muitos já desconfiavam. A pesquisa começou quando o próprio cientista foi vítima do "buraco negro" da Internet.

Ao procurar um artigo de sua autoria que deveria estar no serviço de consulta do governo norte-americano, o Medline, Wren descobriu que o documento simplesmente havia desaparecido (*Nature*, 8 de abril). Wren foi investigar e descobriu que um quinto dos endereços da Medline estava no limbo. Robert Della Valle, da Universidade do Colorado, fez pesquisa semelhante e observou que 12% dos endereços mencionados

em prestigiados órgãos de divulgação científica como *The New England Journal of Medicine* e *Science* viraram poeira dois anos após a publicação. Teme-se que o problema gere fraudes: com o buraco negro, fica difícil averiguar se uma citação de artigo científico é real ou não. •

■ Aliança contra a tuberculose

Uma grande operação de combate à tuberculose foi deflagrada pela Comissão Europeia. A pesquisa de uma nova vacina contará com investimento de € 32 milhões. Serão mobilizadas 52 equipes de 15 países europeus e africanos. O esforço é mais do que justificado: a tuberculose mata 2 milhões de pessoas por ano e a maioria dos casos fatais ocorre em países pobres. Acabar com a doença só será possível com o advento de uma nova vacina. A que existe hoje, a BCG, já não evita a tuberculose contagiosa em adultos nem é segura para portadores do HIV, alvos da moléstia na forma de infecção oportunista. •





LAURABEATRIZ

O país em que a ciência não é notícia

A imprensa da África do Sul dá pouco destaque à ciência. Pesquisa feita pelo departamento de Jornalismo da Universidade de Stellenbosch chegou a um número desalentador: menos de 2% do espaço editorial das principais publicações do país é dedicado a assuntos científicos e tecnológicos. O relacionamento precário entre mídia e ciência no mundo inteiro freqüenta o debate internacional desde a realização do Congresso Mundial de Comunicação Pública de Ciência e Tecnologia, no início dos anos 1990. Mais de uma década se passou, constata a autora da pesquisa, Carine van Rooyen, e a situação permanece a mesma. O estudo avaliou 15 publicações, entre jornais diários, comunitários e revistas. Aparentemente, crê a pesquisadora, a pouca cobertura se deve à falta de jornalistas familiarizados com temas científicos. Nas poucas vezes em que a ciência ocupou as páginas dos jornais sul-africanos, a ênfase foi para

aspectos positivos (70%), contrariando a tese de que a mídia privilegia o lado sensacionalista e bizarro da ciência. (*Science in Africa*, abril).

Austrália repensa sua pesquisa

As políticas que norteiam a atividade científica na Austrália serão revistas. O governo deve gastar 500 milhões de dólares australianos (US\$ 375 milhões) para aperfeiçoar o sistema, por meio de um comitê de alto nível. Um dos objetivos é reavaliar a distribuição de 540 milhões de dólares australianos por ano em treinamento de pesquisadores. É desse orçamento que sai a verba para os estudantes de pós-graduação. Existe a queixa de que os critérios de distribuição de verbas são injustos e punem as universidades cujos alunos concluem suas pesquisas rapidamente. As mudanças nem começaram, mas críticas já despontam. Para cientistas como Snow Barlow, da Universidade de Melbourne, a mudança é tão complexa que pode criar mais burocracia (*Nature*).

Ciência na web

Envie sua sugestão de site científico para cienweb@trieste.fapesp.br

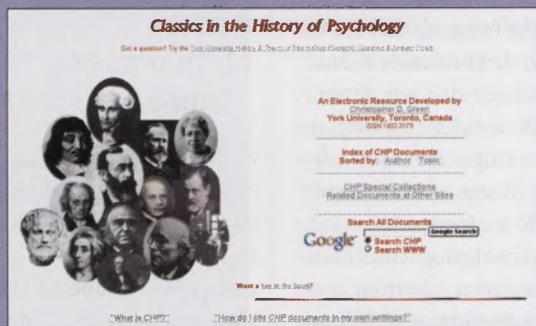


Plantas aquáticas e palustres do Estado de São Paulo

<http://www.ib.unicamp.br/plant-aq-SP/>
Guia de campo, com fotos e breves descrições, para ser utilizado tanto por botânicos como por leigos.



ohst.berkeley.edu/oppenheimer/exhibit/
Um bom site com vida e obra do físico Robert Oppenheimer, por ocasião dos 100 anos de seu nascimento.



psychclassics.yorku.ca
Alguns textos clássicos da história da psicologia (em inglês) de pioneiros como Freud, Skinner e W. James.